Talvez o amanhã ou nem... (um punhado de poemas à deriva)

Flávio Abreu

Talvez o amanhã ou nem... (um punhado de poemas à deriva)

1ª Edição

São Carlos / SP

EDITORA DE CASTRO

2021

Copyright © 2021 by Flávio Leonel Abreu da Silveira

Editor da Editora De Castro: Carlos Henrique C. Gonçalves
Projeto gráfico e arte capa: Carlos Henrique C. Gonçalves
Foto capa: Marcelo Sampaio / @luzesdemarilia
Revisão de texto: Editora De Castro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

A162 Abreu, Flávio.
Talvez o amanhã ou nem—— : (um punhado de poemas à deriva) / Flávio Abreu. —— 1. ed. —— São Carlos : De Castro, 2021.
66 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-5854-134-9

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD B869.1

Todos os direitos desta edição reservados a Flávio Leonel Abreu da Silveira.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,
constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).
Editora De Castro
contato@editoradecastro.com.br
editoradecastro.com.br

Sumário

1

o olho obsceno do furacão (atropelos do tempo)

p. 7

◈◈◈

2

desassossegos (chistes)

p. 39

1
o olho obsceno do furacão
(atropelos do tempo)

"... Ai, o anão fala como um literato, oh Senhor, será que ele é desses que escrevem bem? Desses que dizem que uma boa linguagem salva qualquer folhetim? Será desses? Estou perdido".

Hilda Hilst (Fluxo-floema)

parto ao meio
a falsa ilusão de inteireza dos dias
a opaca virtude de meus intentos
e sonolento nem percebo seus sinais
ou sinas
se espalho tantos cacos ao léu das horas
ah, um não sei quê de desesperos vertidos
pelo luar obscuro
que atravessa tenso a janela
e entre nuvens levianas
deflagra sem calma o amanhã
já que arranho com as unhas a secura
sua metade exposta
meus pedaços todos desconexos pelo chão
e na outra face se desassombra
o lado escuro da lua
e o que fica é mera metade de um amor
sem a outra parte
(2014)

disperso cinzas ao relento
tuas palavras me fazem pensar no improvável
recolho os cacos deste desespero
se percebo dores alheias
além das minhas:
ensimesmada a minha figura se dissipa,
um vento litorâneo me espera frio
o varal dos instantes nesse destempo
meu oco ocaso de acasos idos
seu contratempo vertiginoso, um voo
ou suspensões etéreas, ventanias
logo ali
onde as cinzas já se foram há tempo
(2018)

manhãs dissonantes de idiossincrasias minhas
porque mexo os dedos dos meus pés
remexo gavetas
minhas mãos no tempo
a persistência dos cantos
o detalhe da memória burilando meu silêncio
(o absoluto do meu absurdo)
os quadros nas paredes são conjuntos indecifráveis
de poemas vagos
e eu não me encontro nestes desesperos meus
se me perdi pelo olhar que tinhas pousado em mim
no que se deteve além de um respirar sem força
(2013)

petite fleur
(suor ou sereno
deste despertar)
além do calor
o que permanece é teu silêncio
pelo azul e pelo amarelo
no entreabrir dos olhos
o que se insinua ali
é vento na pele tensa
odor de primaveras perdidas
no meu quintal
o que ficou foi semente
o calmo desejo de um amanhã
(2014)

lábios molhados
como rios caudalosos
que desaguam
em cascatas tormentosas...
(arco—íris, ou
iridescências sutis)
: o sorriso,
a firmeza dos dentes,
as comissuras
lá embaixo os peixes fluem
as profundezas do ser
profusão de gotas e
agitação de bolhas
nas correntezas absurdas
mar dos olhos alheios
além do estuário
no céu da boca
(2018)

a cicatriz que floresce
como memória da ferida
é justo o pedaço aberto de si
mero desenho no corpo
do herói vencido
acaso de ruas palmilhadas
em cidades distantes
é justo o injusto desta vida
nesse vasto morredouro
de noites falidas
mas se tudo parece tão bem
mas se tudo parece exato
é porque os idiotas assim creem
e beijam as mãos enrugadas
dos velhos narcisistas
dos acadêmicos fajutos
e lambem as tetas modernas
e babam pelos cantos como hienas famintas
sua hipocrisia indecente
e metem a língua no cu do senhor de bem
que delira e delira e delira
e se contorce além dos miseráveis
a ferida aberta e purulenta é o sorriso na tarde
moribunda e poluída neste beco
(2017)